

Cada cabeça é um mundo: Oito lições da filosofia contemporânea francesa para a biografia histórica

Flávia Braga*

Resumo: Este ensaio teve como objetivo principal a construção de um diálogo inicial para estudantes e pesquisadores de biografias históricas, relacionando os pensadores franceses contemporâneos com as dificuldades encontradas neste tipo de pesquisa. Além disso, a análise de produções cinematográficas em consonância com as discussões contemporâneas entre filosofia, biografia e pesquisa foram utilizadas para melhor desenvolver o processo de reflexão sobre o tema. Desta forma, trata-se de um artigo para iniciantes em biografia históricas com a contextualização contemporânea da filosofia pós-guerra e as novas reflexões sobre a empatia no processo de reflexão do historiador.

Palavras-chave: Biografias; Filosofia; Cinema.

Each head is a world: Eight lessons of French contemporary philosophy to historical biography

Abstract: This essay had as principal goal the construction of an initial dialogue to students and researchers of historical biographies, relating French philosophers with the difficulties found in this kind of research. In addition to that, the analysis of movies in accord to contemporary discussions between philosophy, biography and research were used to improve the thinking about this theme. As such, this article has as principal aim to help new researchers on historical biography with the contextualization of contemporary post-war philosophy and the newest reflections about empathy on historians process of reflections.

Keywords: Biography; Philosophy; Movies.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UFPE com o tema "A ciência como fé, a república como razão: a trajetória de Martins Júnior e o ideal da Ditadura Positivista (1875-1904)". Mestre com o tema "Ditadura, Abolição e República: a propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889)". Professora da rede municipal de ensino da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes-PE. Contato: flaviabrunabraga@gmail.com.

Por mais que a ciência evolua e que a tecnologia avance, jamais ela vai decifrar a mente humana, pois cada cabeça é um mundo e cada ser humano uma história. Jamais caberá numa tese ou num fundamento. Isso faz da humanidade e seu imaginário imensamente complexos e hierárquicos (Afonso Allan).

Quando Jacinto Silva, mestre coco de roda nascido no Alagoas em 1933, lançou seu LP “Mocotó com Catuaba” em 1986, uma música entrou para o repertório das canções da minha mãe nordestina: cada cabeça é um mundo. Pouco tempo depois que nasci, Timbalada também lançou um LP homônimo em 1994. Então, desde pequena, quando não compreendia as atitudes ou as diferenças de alguém, minha mãe nordestina *daquelas*, sempre respondia “Flávia, cada cabeça é um mundo”. Pequena, a frase não fazia muito sentido, mas as desventuras da vida tornaram-na muito relevante. Agora, diante do desafio acadêmico da Tese (com letra maiúscula mesmo, afinal, é um parto), em que investigo a trajetória de outra pessoa, o refrão da infância ganhou um aspecto ainda mais desafiador: como ser possível escrever a vida de alguém? O que tem a ver Jacinto Silva, Timbalada, minha mãe e a filosofia contemporânea para esse parto?

Tentarei responder esta pergunta com oito lições básicas que aprendi através das experiências de vida, das leituras e discussões – principalmente as desenvolvidas na disciplina do professor Durval Muniz Jr na UFPE em dezembro de 2018 – em preparação para a Tese. Tenho como objetivo principal deste texto auxiliar futuros escritores ainda em formação cujo desafio angustiante também seja compartilhado. É possível que para um leitor experiente neste tema este texto pareça básico e banal, mas se ele servir à simplificação das angústias de pensadores iniciantes – ou até mesmo mestres despretensiosos -, terá valido seu propósito. Ressalto que este ensaio é uma discussão primeira, básica, que pretende lançar mais perguntas que respostas. Caso o leitor deseje se aprofundar em biografias históricas indico *O Desafio Biográfico* de François Dosse (2015), *O Pequeno X* de Sabrina Loriga (2011) e *A Ilusão Biográfica* de Pierre Bourdieu (2006). Portanto, trata-se de um ensaio leve para um tormento.

Lição 1

Você está com uma página em branco.

Diante de si tem o dever de escrever, de pôr em palavras a vida de outra pessoa que talvez nem tenha conhecido. A folha em branco pode ser uma absolvição ou uma condenação e, se você for plenamente responsável pelo que faz, a angústia pela 'justiça' fará parte, inexoravelmente, do seu processo de pesquisa. Talvez você que esteja lendo essas linhas nem seja um historiador, talvez você seja um jornalista, um memorialista, um estudante, um professor, um leitor interessado. Você tem que escrever a vida de alguém em papéis em branco, com a profunda sensação de que sempre vai faltar algo. Por que o trabalho de biografar a vida de alguém parece ser um trabalho sem fim? Vamos lá.

Em primeiro lugar, temos que ter em mente que o biografado talvez não seja – e provavelmente não é – aquilo que *você* idealiza dele. Todo ser humano, ao longo de sua vida, não importa em qual época ou local, é um ser em construção durante sua existência. Certamente, ao biografar alguém, existe algo que nos desperta atenção e interesse. Esse "algo" geralmente diz muito mais sobre nós do que sobre quem escrevemos. Como afirma Henri Bergson (1859-1941), filósofo da memória, temos a tendência em analisar os documentos para enxergar o que nós procuramos nele. Assim, se partimos de uma idealização da pessoa que biografamos, se saímos de uma concepção prévia do que queremos encontrar sobre ela, iremos racionalizar a documentação desta forma, sem reter em nossa memória aquilo que não é relevante para nossos propósitos.

Michel Onfray é um dos filósofos contemporâneos franceses que nos alerta que todo pensamento é fruto das experiências dos seus pensadores. Para ele, as nossas vivências estão diretamente conectadas com o processo de raciocínio, o que leva a indicação de que não há produção de pensamento sem interferência direta da vida do pensador. Já Maurice Blanchot – sua trajetória é por si só um ensinamento de que todos nós mudamos ao longo

do tempo¹ – em suas análises sobre a literatura, destaca como nós somos capazes de construir novos mundos através da escrita. Em sua argumentação, a literatura se assemelha a uma espécie de fuga do presente, onde buscamos as explicações e alternativas em mundos ou passados que elaboramos. Jean Paul Sartre, em sua análise sobre o passado, também reforça a estreita ligação com a construção das imagens do passado e as demandas feitas pelo presente.

Portanto, se colocar, se inserir na reflexão é um processo não apenas inevitável, como honesto. Nossas pesquisas têm dimensões pessoais e não adianta vestir a máscara da neutralidade² (entretanto não devemos abandonar sua ideia), mas sim se inserir como um problema. E aí está o primeiro desafio da biografia histórica: não partir de uma posição automática em defesa do biografado, pois é bastante provável que diferentes versões podem ser aplicadas a um mesmo caso. De acordo com Gaston Bachelard, filósofo francês que viveu entre 1884 e 1962, o espírito científico deve buscar a diversidade de pontos de vista, a busca pela multiplicidade das fontes, o cruzamento e análise de discursos. Estas preocupações são fundamentais para não nos tornarmos “advogados”, cuja posição distorce e edita, consciente ou inconscientemente, tudo o que pode desmerecer o “algo”.

Lição 2

Em segundo lugar, esqueça a utopia da totalidade. Biografar, principalmente biografias históricas, jamais conseguirão descrever toda a vida de alguém. Jacques Rancière nos alerta sobre a leitura do passado: ela é sempre anacrônica. Buscamos, no passado, uma análise do presente, de angústias e questionamentos que existem agora e não no passado. Um exemplo seria pensar o ‘feminismo’ para o século XIII (?!). Este conceito – a que Rancière considera um ‘conector’ em história – nunca existiu para o

¹ Maurice Blanchot chegou a ter ideias monarquistas, colaborou com revistas de extrema-direita e se redimiou dos seus posicionamentos após a II Guerra. Se fôssemos fazer uma biografia histórica de sua vida, seria desonesto não acompanhar toda sua trajetória de mudanças e a influência que elas tiveram sobre seus escritos.

² Há o dever científico com a documentação, a multiplicidade das fontes e a abordagem objetiva, mas a visão de uma Verdade – com letra maiúscula como diziam os positivistas – como algo inato e essencial já se tornou bastante combatida.

século XIII, mas sim para o nosso atual século XXI. *Hoje* temos interesse em entender 'movimentos femininos em defesa de direitos', mas seria um erro atribuir a compreensão desse conceito para as pessoas daquela época. Exemplos na cinematografia da nossa década trazem questionamentos bastante presentes sobre perigos iminentes que estão voltando à tona, tais como *Bastardos Inglórios* (2009) de Quentin Tarantino e Eli Roth e *Ele Está de Volta* (2015) de David Wnendt. Trago esses dois filmes – obviamente há diversos outros – por ambos reconstruírem a forma como o passado é visto pelo presente, não apenas como uma 'reconstrução' dos fatos, mas numa visão *alternativa* da memória, como alerta Henri Bergson sobre a simultaneidade do passado no presente.

Ranciére nos instrui a compreender que temos uma pretensão com a análise do passado e, este passado, é feito por vários tempos cronológicos que convivem e se cruzam, então quando analisamos uma narrativa iremos, necessariamente, escolher um desses tempos. Claude Lévi-Strauss, numa abordagem mais antropológica e apesar das críticas feitas a ele³, foi importante para o desenvolvimento de uma abordagem mais diversificada desses tempos coexistentes. Em sua análise, cada cultura, cada região tem sua organização da razão e, para que um historiador seja capaz de compreendê-la, deve ter domínio sobre as regras desse dado momento para entender seu objeto de estudo. Comparar o movimento 'feminista' no Brasil e na Inglaterra no final do século XIX sem compreender as regras de cada lugar, entender como se organiza a racionalidade de cada núcleo analisado, como se ser 'feminista' fosse igual para qualquer época ou qualquer lugar, seria simplificar e banalizar a complexidade de ambos. Obviamente, a análise

³ As críticas ao estruturalismo tanto de Claude Lévi-Strauss assim como Althusser levam a uma certa 'contradição' entre o estruturalismo e o existencialismo. Este último, por valorizar o indivíduo e sua existência, tem uma aproximação maior com as biografias históricas, principalmente as revisitadas como a de François Dosse "O Desafio Biográfico", Pierre Bourdieu "A Ilusão biográfica" dentre outros. Entretanto, o estruturalismo não é de um todo desprezado, sendo fundamental para entender a sociedade em que está inserido o biografado. A crítica ao estruturalismo é justamente por não permitir as possibilidades de mudança dentro das estruturas, bem como 'engole' o indivíduo, tornando-o apenas um produto das mesmas estruturas. Os eventos, por serem considerados parte da estrutura, também são diminuídos. Entretanto, e aí está a dificuldade na combinação entre estruturalismo e existencialismo, é impossível pensar o ser sem estruturas, como também é impossível pensa-lo apenas através delas. Esta relativa queda-de-braço é uma das maiores dores de cabeça de qualquer historiador que utilize biografias históricas.

de Claude Lévi-Strauss esteve muito mais ligada a povos isolados considerados 'primitivos', porém a lição de que devemos compreender as temporalidades em seu espaço, suas regras e suas racionalidades, são possíveis de compreensão para as biografias históricas. Henri Bergson também nos alerta para os possíveis equívocos de analisar uma época com a racionalidade de outra. Não se pode exigir, por exemplo, que um autor do século XIX pense como um do século XX, pois não havia condições para isso.

O historiador, portanto, trabalha com fios e nós, entrelaçando os tempos em sua narrativa. O tempo não é uma linha reta, mas uma malha, complexa e conectada, concomitante e sobreposta. Para Henri Bergson, o tempo, principalmente o que compreendemos como presente e passado, na verdade são coexistentes, se sobrepõem um ao outro, estão presentes no mesmo mundo. As reflexões sobre as diversas e concomitantes temporalidades, a quebra no sentido único e linear do tempo, pode ser pensada na construção da memória e na relação desta com nossa identidade, como também defende Paul Ricoeur. Há interessantes filmes contemporâneos que trazem a temática dos tempos coexistentes e na importância da memória para o processo identitário, como *Memento* (2000) de Christopher Nolan, *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças* (2004) de Michel Gondry e *Para Sempre Alice* (2015) de Richard Glatzer e Wash Westmoreland. Nestes três filmes, e certamente há outros, a temática sobre a malha do tempo e a resistência da memória para o processo de identidade pessoal podem ajudar a compreender muito do pensamento de Henri Bergson e Paul Ricoeur.

Jean Paul Sartre trás para sua análise a importância do processo imaginativo para a construção do passado, pois o reconstruímos com fragmentos e visões diferentes, dando sentido através de conceitos-conectores, como diria Paul Ricoeur. A escolha da linha-mestra da narrativa forçará você a fazer edições do que e de que forma aquela história deve ser contada. No caso de um historiador, cuja principal preocupação é compreender um dado momento histórico através da vida do biografado, essa linha-mestra é ainda mais reforçada: a escravidão, a ditadura, os sindicatos, etc. Portanto, foco. É impossível pensar e escrever sobre absolutamente tudo que acontecia em Recife na década de 1880. As edições para sua linha-mestra

obedecerão ao imperativo anacrônico da sua pergunta atual: o que você quer responder com a vida do seu biografado?

Lição 3

Em terceiro lugar, cuidado com os extremos. Ninguém é totalmente livre, a ponto de ser completamente descolado do seu contexto, mas também ninguém é totalmente preso a ele. O que quase toda a filosofia francesa do século XX se arvorou em discutir é justamente até onde o indivíduo é capaz de imaginar, de ser criativo e único dentro de uma estrutura que o constrói e submete. Henri Bergson (1859-1941), um dos primeiros a trazer a criatividade e a inventabilidade para a compreensão da razão humana, faz de sua obra um louvor ao novo, ao imprevisível, à invenção e à liberdade e influenciou o longo século XX contra o determinismo positivista que até então se fazia presente⁴. O meio-termo entre “produto do meio” e “a frente do seu tempo” é um desafio realmente trabalhoso. Cada pessoa faz parte do seu tempo, bem como faz parte da condição social em que está inserida, do sistema econômico, da orientação religiosa, etc. Porém, esses fatores não são uma condenação e, portanto, não “castram” as atitudes criativas, imaginativas e personalíssimas de cada um.

Se alguém nasce no Norte do Império brasileiro em 1801, por exemplo, sabemos que a presença da Igreja Católica é profunda, que a produção de açúcar é a principal atividade daquele meio, que a atividade produtiva é escravista, o ensino superior, as maquinofaturas e a produção de livros são proibidas, dentre outros fatores que poderiam determinar esse ‘alguém’ dentro dessa sociedade, mas nada diz que esse alguém foi para as missas de todo domingo ou que se submeteu ao senhor de engenho, por mais *provável* que isso seja. Não se reduz a vida de alguém às estruturas em que ele está inserido por uma mera probabilidade. Se as estruturas definissem,

⁴ O positivismo é responsável pelas inúmeras obras biográficas no século XIX e XX que se intitulam “Fulano e seu tempo”. Era bastante comum que a expressão “filho do seu tempo” fosse utilizada para justificar as atitudes e entender como a realidade de uma pessoa determinava seu pensamento e suas atitudes. Desta forma, as pessoas eram faticamente condenadas ao determinismo do meio ou, quando muito, eram pessoas “ilustres” “a frente do seu tempo”, quando se destacavam em relação ao determinismo. A filosofia pós-guerra batalhou para quebrar essa condenação, trazendo a importância do indivíduo, da criatividade e a responsabilidade de cada um com seus atos.

determinassem a vida de alguém, viveríamos exatamente igual há 10.000 anos. O meio caminho entre as estruturas, que estão acima de nossa vontade – como a presença secular do cristianismo na formação cultural brasileira, por exemplo – e os espaços de transgressão e criatividade individuais (ou mesmo coletivas) é o que nos ensina Michel Onfray, Emanuel Levinàs, Gaston Bachelard, Georges Bataille, Jean Paul Sartre, entre outros.

De acordo com Michel Onfray, o ser humano é o único ser que pode se modificar e, portanto, o único que pode experimentar o conceito de liberdade. A nossa liberdade de escolha não é absoluta nem nunca poderia ser, pois está circunscrita em limitações exteriores à nossa vontade, mas isso não significa que, dentro desses limites, as escolhas sejam menos criativas. Até mesmo escritores mais 'estruturalistas' como Gaston Bachelard, afirmam que as estruturas só se efetuaem no fenômeno, não sendo algo permanente e rígido. Em razão dessa 'queda-de-braço', o que devemos entender é que qualquer pessoa faz parte de estruturas, mas não estão *determinadas* a segui-las. O espaço da imaginação, da criação, da individualidade e dos eventos existe e, como pesquisadores, não podemos ser os carrascos, nem mesmo os advogados de alguém.

Desta forma, biografar a vida de uma pessoa requer certa maturidade de compreender que a condição social, a religiosidade, a situação financeira, dentre outros fatores 'limitantes' não excluem as possibilidades de ação individuais, criativas e, até mesmo, transgressoras. Georges Bataille, por exemplo, tem como foco principal da sua filosofia a busca por essa 'transgressão' como motor da vida humana. Emanuel Lèvinas, filósofo da ética e da alteridade, deixa claro que a História não pode servir de álibi para a trajetória das pessoas, pois todos têm opções e escolhas. Jean Paul Sartre comenta sobre a condenação do ser humano à liberdade, capaz e necessariamente ligado às suas escolhas. Somos responsáveis pelas nossas ações e seria má-fé atribuir aos outros as nossas próprias responsabilidades. As pessoas são responsáveis por si, mesmo que consideremo-las inseridas em estruturas. Para Henri Bergson, é na duração, na consciência, que se tomam as decisões. Mas não uma consciência descolada do mundo, mas uma consciência perceptiva, ligada às sensações, ao corpo, à experiência.

Portanto, nem determinismo, nem livre-arbítrio absoluto. Esta lição nos leva a pensar que ninguém é absolutamente “inocente” diante dos “fatores da época”, mas que, todos nós, temos escolhas, mesmo e inevitavelmente que “presos” a condições externas.

Lição 4

Quarto, pode parecer desesperador, mas é fundamental dizer: em cada ser habitam vários seres. Isso não é esquizofrenia, mas uma visão mais abrangente que devemos ter de cada pessoa. Ninguém é apenas “aboliconista”, “integralista”, “militar”, “tropicalista”, etc. Cada ser humano tem suas mais variadas faces, temporalidades e espacialidades, que convivem em harmonia ou não. Saber, essencialmente, que o biografado é um ser humano que teve família, amigos, colegas de trabalho, conhecidos e desafetos e, para cada relação dessa, o se reinventou, se reconstruiu e se mostrou de formas diferentes. Dois interessantes filmes que podem dar um nó mental sobre os múltiplos personagens (no caso dos filmes, literalmente!) que cada um de nós pode carregar dentro de uma mesma individualidade estão *Fragmentado* (2017) de M. Night Shyamalan e clássico *O Clube da Luta* (1999) de David Fincher. Em ambos os filmes somos dragados para a metáfora das variadas personas que existem nos protagonistas, levando-nos a, metaforicamente, pensar que existem várias faces de um mesmo Eu. De acordo com o filósofo Merleau-Ponty é impossível separar no homem o que é natural, biológico, social ou qualquer outra categoria de análise. A complexidade da nossa existência não se divide. Para este pensador, nós nos construímos no vivido, durante a experiência com o acaso, não há um ser ‘essencial’, pré-existente à prática. O ser humano é prática. Complexa, múltipla e constantemente mutável.

Assim, não se angustie em buscar o “verdadeiro” biografado, pois ele não existe. Cada um de nós tem uma interpretação pessoal sobre si mesmo e sobre como queremos nos mostrar para o mundo, bem como somos interpretados por diferentes pontos de vista. Uma mesma pessoa pode ser vista como ‘muito dura’ por seus colegas de trabalho, ‘muito amável’ por seu companheiro/a, ‘muito divertido’ por seus filhos e ‘um monstro’ para seus

inimigos. Há algum dessas interpretações certa ou errada? É possível descobrir o 'verdadeiro'? Obviamente, há uma *responsabilidade com a verdade* por qualquer cientista, mas seria pretensioso demais afirmar *toda* (?) a verdade. O seu biografado é a *sua* versão dele – a versão que lhe interessa - aquilo que você editou, que você construiu. Aquela que você quer responder sua pergunta do presente. Uma versão que serve a um propósito, mas não necessariamente uma versão fantasiosa ou mentirosa, mas uma das múltiplas visões daquela existência, tão verdadeira quanto qualquer outra. Das mais variadas formas de existência de um mesmo ser, escrever a vida de alguém será, certamente, uma limitação de toda sua existência. Como nos ensina Gaston Bachelard, qualquer representação é uma redução da complexidade das coisas. Criar um conceito, uma metáfora entre o que existe e o que nós podemos entender, é uma forma de sintetizar o processo, esta é uma das principais lições que nos dá Gaston Bachelard e Jaques Rancière. Nós precisamos delimitar, reduzir e conceituar para estudar, compreender e dominar. Não há como fugir disso.

Lição 5

Isto nos leva à quinta lição: as pessoas mudam. Pode parecer tão simples afirmar isso, mas por que tantas vezes esquecemos desse fator em nossas pesquisas? Por que exigimos dos nossos biografados que eles sejam coerentes o tempo inteiro? Coerente com o que? Com o que **nós** queremos que seja? Se biografamos um determinado militante de esquerda durante o período militar de 1964 e 1985, imprimimos sobre essa pessoa uma homogeneização das suas atitudes e pensamentos, como se estivéssemos lidando com a mesma pessoa em 1964 e em 1985. Queremos que esse militante de esquerda seja furiosamente contra o regime militar desde o primeiro até o último dia da ditadura, queremos que 30 anos após seu término ele ainda seja o mesmo militante de 1964. As pessoas mudam. Elas se adaptam, se transformam, tomam novas decisões, repensam, reformulam, fazem novas alianças. Assim pensam Henri Bergson, Gaston Bachelard, Merleau-Ponty, François Dagonet, Pierre Bourdieu, dentre tantos outros filósofos do século XX. Analisar a trajetória de uma vida requer acompanhar seus dramas, seus questionamentos, suas mudanças.

Principalmente, o seu devir, sua contínua e ininterrupta mudança. Porque ninguém é, *está*.

A discussão entre a 'essência' e a 'transformação' não é recente na filosofia, mas vem de uma longa trajetória desde Heráclito e Parmênides⁵. Como pensar a história de objetos que sempre mudam? Georges Canguilhem, em sua análise sobre "Normal e Patológico", defende que o ser não 'é', ele 'acontece', visão também compartilhada por François Dagonet. O pensamento de Canguilhem, diferente de Dagonet, também atribuiu as mudanças para as variações *biológicas* do homem. A vida na terra está em constante transformação. O ser não apenas se modifica a nível psicológico, mas também orgânico ao longo do tempo. Georges Bataille, em sua análise sobre economia global, também trouxe esse fator para o processo do ciclo de vida humano: o homem é natureza e esta se modifica constantemente. De maneira semelhante, Gaston Bachelard também reafirma o encontro do homem com a natureza. Os escritos de Canguilhem foram feitos, principalmente, para um público médico, porém seus pensamentos sobre a relativização do que é 'patológico' para nós, nos põe a pensar que o ser que estudamos está em constante transformação. Assim como Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, Canguilhem nos direciona a analisar o ser em sua prática, em sua experiência vivida, sem conceitos pré-estabelecidos, nem muito menos divisões sobre o que seria um comportamento 'normal'.

A construção da memória coletiva é um processo político, as edições da memória feita pelos historiadores, como ensina Paul Ricoeur, se dá através de fragmentos organizados deliberadamente para uma construção política específica. No caso das biografias históricas, temos a tendência a escolher uma pessoa porque ela *representa* algo para nós: transgressores do regime militar de 1964; abolicionistas no Império; modernistas no século XX, etc.

⁵ Ao longo da história da filosofia, os pensadores costumam se dividir entre aqueles que pensam na transformação constante do ser, na sua ininterrupta mudança (Heráclito) e aqueles que pensam na essência do ser, na sua constância e permanência (Parmênides). Boa parte dos existencialistas e fenomenologistas contemporâneos franceses defendem a contínua transformação humana em torno da sua prática, da sua vivência, porém há exceções, como Henri Bergson e Jean Paul Sartre, por exemplo, que defendem haver uma essência racional do nosso pensamento. Entretanto, a busca por encontrar uma razão média entre as duas visões tem sido um ponto central das discussões dos filósofos após a Segunda Guerra.

Temos uma visão política sobre aquela pessoa que nos faz buscar em sua trajetória esses aspectos que justificam a construção da memória que estamos tecendo. Na construção desta memória, que Paul Ricoeur chama de 'jogo', não se pode deixar de lado que o nosso objeto de estudo é uma *pessoa*. Ela se modifica, se transforma, se adapta, se reconduz e, no processo de transcrever essa trajetória, tendemos a cair no 'jogo' entre o que essa pessoa quer mostrar ou esconder sobre si mesma.

Para quem lida com biografados vivos, ou até mesmo os falecidos com família presente ou personalidades populares (que possuem certa 'honra' a ser preservada), deve enfrentar esse jogo com ainda maior aflição. Toda memória é editada, mas até que ponto a edição influencia na análise? Ao longo da vida, tendemos a ter orgulho, vergonha, medo, felicidade, etc., sobre determinados momentos do nosso passado e, quase naturalmente, tendemos a excluir ou exaltar um ou outro aspecto. O alerta serve tanto para as redes sociais atuais, em que vivemos uma vida 'alternativa' editada para parecermos mais interessantes, até mesmo para pessoas do passado.

Darei como exemplo a pessoa que estou biografando: José Isidoro Martins Júnior. Não entrarei nos pormenores da sua vida aqui, mas para a compreensão do exemplo, basta saber que ele foi um 'excluído' da República e um conhecido 'homem de letras' no final do século XIX. Em vida, Martins Júnior já era considerado um pária político e, sabendo disso, meses antes da sua morte, enviou toda (?) sua biblioteca pessoal para a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e, detalhe: todas suas obras tinham seu *próprio* carimbo (para situar, o ano era 1904). Em jornais cuja participação foi anônima, o próprio Martins Júnior carimbou seus artigos escrito décadas antes, fazendo questão de deixar sua marca para a posteridade. Oras, numa época que não havia qualquer eletrônico disponível, Martins Júnior pareceu muito preocupado com a construção da *sua* memória para a posteridade. Como historiadora, devo analisar sua biblioteca com muita cautela e questionamento: Será mesmo que toda sua biblioteca está aqui? Será que o próprio Martins não escolheu deliberadamente quais obras enviar? Porque ele carimbou determinados artigos de jornais, mas não outros? O que ele quer que seja destacado em sua trajetória, bem como escondido?

Lição 6

Em sexto lugar, o corpo. Esquecemos de considerar o corpo, a corporeidade, os aspectos sensíveis e sensitivos das pessoas no tempo. A cor da pele, uma deficiência física, o sotaque, o timbre de voz, a ferocidade do olhar, a baixa estatura, a sexualidade e o gênero, por exemplo, não são apenas descrições vazias de uma pessoa. Escrever uma vida não é um prontuário médico. Michel Onfray, pensador da corporeidade, tem como ponto central da sua obra a relação do corpo, da transgressão e na busca do prazer como eixo para compreender o ser na história. Para este filósofo, a ênfase clássica cartesiana na razão como ente descolado do corpo, ou até mesmo na manifestação espiritual do ser ao longo da história, “esquece” que somos um corpo com presença no mundo.

A cor da pele, por exemplo, é um fator que imprime sobre alguém sua forma de ver e estar no mundo, a forma como alguém será tratado em uma dada sociedade de um dado tempo, e suas relações para com essa sociedade – até mesmo o que esta espera dela – são importantíssimos para entender escolhas na vida. Para François Dagonet, a História costuma ter personagens que não têm corpo, deixando de lado aspectos sensitivos, a dimensão afetiva, como formas de influência no pensar e no agir. Maurice Merleau Ponty é categórico: o meu corpo é o meu ponto de vista do mundo. Para este filósofo, o conhecimento é construído através da percepção e, como essa é particular, é necessariamente imperfeita e incompleta. Desta forma, o ser humano modifica e é modificado pelo meio, com abertura para criação e adaptações, impossibilitando uma visão ‘essencial’ da pessoa. Para Merleau Ponty, somos seres eternamente incompletos.

Particularmente, a trajetória da pessoa que atualmente estudo para a tese de doutorado foi bastante relevante para a história política brasileira e, portanto, há uma tendência na forma como penso e escrevo sua vida através das perguntas políticas do presente. Entretanto, não se pode reduzir a vida de alguém a seus ‘pensamentos’ políticos, mas compreendê-lo também na sua dimensão afetiva: como o amor por sua esposa influenciou sua vida? Como a perda da sua primogênita influenciou na sua trajetória? Como a

frustração ou sua esperança influenciou suas obras? Como seu círculo de amizades, parentesco e até mesmo admirações por outras pessoas influenciou na tomada de decisões ao longo da sua vida?

A corporeidade, como bem pontua François Dagonet, vai além do corpo: perpassa os sentimentos, as relações, é um acontecimento e, até mesmo, uma imaginação. Na mesma esteira que traçou Gaston Bachelard, cujo pensamento associou a racionalidade diretamente à imaginação; bem como Henri Bergson que ligou a razão ao sensitivo, o corpo é visto como uma criação humana, nossa relação com ele é diretamente relacionada com outros aspectos sociais, políticos, econômicos, como também afirmou Michel Foucault. O humano é sentimento, pois não há ninguém sem emoção, como sinalizou Jean Paul Sartre. As dimensões sentimentais, também ligadas ao corpo, devem ser tomadas em conta na análise de vida de um biografado.

É difícil compreender o que Michel Onfray, Michel Foucault e François Dagonet, entendem por corpo? Aqui vai uma sugestão: assista (ou reveja) os filmes '*O Escafandro e a Borboleta*' (2008) de Julian Schnabel, '*A Pele que Habito*' (2011) de Pedro Almodóvar, '*Mar Adentro*' (2004) de Alejandro Amenábar, '*A Teoria de Tudo*' (2014) de James Marsh ou '*A Garota Dinamarquesa*' (2015) de Tom Hooper, só a título de exemplo. A produção cinematográfica do século XXI está repleta de boas dicas sobre a abordagem dessa filosofia e pode ser uma boa e prazerosa forma de pôr em prática as leituras sobre o biografado. Qualquer pessoa é e está no mundo a partir da sua relação corporal com a sociedade em que está inserida. Os biografados, principalmente para quem trabalha com pessoas nos séculos XIX para trás como eu, costumam ter bastante dificuldade com esse aspecto, pois só chegam até nós, no máximo, fontes escritas, que são, via de regra, desencarnadas.

Lição 7

Em sétimo lugar, o espaço. Por que é tão difícil a um historiador lembrar do espaço? Os seres humanos são produto, mas também construtores, do espaço em que estão. Nascer, crescer e morar a vida inteira numa das comunidades do Complexo da Maré ou na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de

Janeiro; no Sertão do Cariri; na Praia de Iracema ou Brasília em 1963, não apenas têm suas implicações socioeconômicas, como também influenciam na perspectiva desta pessoa na sua relação com o lugar e com as pessoas em seu entorno. Não apenas isso, mas o ser humano se percebe e tem sua identidade influenciada pelo espaço com o qual enquadra sua existência. Gaston Bachelard, filósofo que influenciou bastante a atual epistemologia, traz maior ênfase ao eixo espaço, por considerar que este foca nas descontinuidades. Como já afirmei, a filosofia contemporânea francesa se debruçou com mais afinco nos aspectos existenciais que ressaltam a transformação, a mudança. A metafísica deu lugar ao fenômeno.

Lição 8

Em oitavo lugar, o seu biografado não é uma máquina, portanto não espere decisões sempre “racionais” e “lógicas” *para você*. O ser humano, como afirmam Georges Bataille e Michel Onfray, vive em busca do erotismo, do prazer. Nem sempre vamos entender porque alguém toma uma decisão tão “desastrosa” ou “impulsiva” em algum momento. Bem como nem sempre uma decisão “desastrosa” será, necessariamente, “ilógica”. Ao escrever a vida de alguém precisamos entender que seus desejos, suas vontades, seus prazeres, são muitas vezes, os fatores condicionantes de suas atitudes e não, como geralmente imaginamos, aspectos secundários diante das opiniões políticas, fatores econômicos, etc. O que nos ensina Georges Bataille é seguir no caminho inverso: as opiniões políticas, os fatores econômicos, as escolhas religiosas são, muitas vezes, *fruto* deste erotismo.

Neste ponto sobre a ‘transgressão’ e ‘ordem’ como um traço característico das ações humanas, Georges Bataille, Michel Onfray e François Dagonet se inter cruzam para nos ensinar que é preciso também pensar a dimensão do desejo, do erotismo, o que traz uma nova forma de entender a ‘aparente’ contradição (Bataille diria até mesmo que são duas faces do mesmo) entre a busca da ordem e da transgressão nos atos, escolhas e pensamento das pessoas. Como historiadores, desejamos que nossos biografados tivessem tomado as decisões mais lógicas, porque facilitam nossas análises, são previsíveis, quantificáveis. Decisões ‘lógicas’ e precisas

fecham nossas teorias com perfeição, arredondam nossas análises, constroem uma relação causa-consequência racional e compreensível. Mas pessoas não são assim. E nossa escrita não pode ser. As fendas, as imperfeições, os 'beco-sem-saída', as interrogações são parte de qualquer vida e retirar da trajetória do biografado as múltiplas possibilidades que ele poderia ter sido/foi é, também, uma forma de mata-lo.

Jean Paul Sartre, talvez um dos filósofos mais conhecidos de todos os tempos, falava sobre a imensa dificuldade que existe na verdadeira comunicação entre os seres humanos. Nós, em nossa imensa complexidade, vagamos por esse mundo como se fôssemos cegos, surdos e mudos, incapazes de alcançar o outro e, portanto, somos solitários, únicos e incomunicáveis. O peso de seu pensamento causa angústia pois, para Sartre, somos necessariamente, sozinhos. Mas, se cada cabeça é um mundo e, pela astrofísica, cada mundo tem suas leis, não seria pretencioso demais escrever a vida de alguém que sequer conhecemos? Se nossa mente é nosso mundo, fechado e hermético, como é possível compreender o mundo de outra pessoa? Outro pensador, Emanuel Lèvinas, é conhecido por sua filosofia da alteridade. Ao contrário do famoso Sartre, Lèvinas centraliza seu pensamento no Outro. Afirma ele que necessitamos do outro para nos definir, para nos reconhecer como seres, pois sem o Outro somos incapazes de compreender a nós mesmos. Em razão deste pensamento, Emanuel Lèvinas é um conhecido filósofo sobre a ética – aliás, a filosofia contemporânea francesa esteve muito ligada a essa palavra após o Holocausto – que seria, necessariamente, a exigência da intersubjetividade, ou seja, do entrelaçamento entre o Eu e o Outro. Esta relação de reciprocidade é a que faz surgir quem nós somos.

Pensamento semelhante tem Maurice Merleau-Ponty, cujo trabalho analisa como o humano se idealiza, como ele se enxerga no mundo. Para isso, todo ser precisa do Outro para se compreender, durante o processo de vivência das suas experiências. O pensamento de Lèvinas e Merleau-Ponty é bastante interessante para pensar no ser humano como um ser que precisa do coletivo para se identificar. Indico assistir (ou rever) o filme *O Naufrago* (2000) de Robert Zemeckis, cuja relação entre Chuck Noland (Tom Hanks) e

uma bola (Wilson) expõe bem o pensamento de Lèvinas sobre a necessidade da alteridade para a construção do Humano. Neste ponto, de acordo com o filósofo, a História tem um papel fundamental para a ética no mundo: somos responsáveis pelos mortos. Somos responsáveis pelo Outro e do que será feito sobre ele. Mas ainda resta a questão: como escrever o mundo do Outro?

O imperativo da biografia

A resposta talvez esteja numa palavra: empatia. Se cada cabeça é um mundo, o que a filosofia francesa contemporânea nos ensina é que, se não nos esforçarmos a compreender o **O**utro, o pensamento de Sartre estará certo: estamos sozinhos no mundo. Os filósofos franceses contemporâneos conviveram diretamente com os campos de concentração, as experiências médicas, o Holocausto, as bombas atômicas, o agente laranja e tantos outros exemplos do quanto nossa espécie pode errar. Diante do inominável, esta filosofia trouxe reflexões profundas que exigem de nós uma atenção redobrada contra uma ciência quantificadora e impessoal em excesso.

O ser humano não é um conjunto de dados em uma tabela, não é uma porcentagem num gráfico, mas também não há nada de errado em usar isso, desde que não transformemos pessoas em meros números. Em nome da 'neutralidade' da ciência, nós a desumanizamos. Retirando o ensinamento de Gaston Bachelard, modificar a forma como contamos a História é um gesto político, racionalizá-la demais é também uma forma de luto. Nesta década que vivemos, em que a palavra 'empatia' se torna, a passos largos, um vocabulário partidário e não humano – como deveria ser –, em que a **V**ida se tornou descartável, como bem nos alertou (e infelizmente não aprendemos) Hannah Arendt, escrever a trajetória de alguém pode ser não apenas uma lição para si, mas para o mundo.

Referências Bibliográficas

ARENDRT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. 2ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita precedida de A noção de despesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

_____. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 8º Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p.183-191.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

DAGOGNET, François. *O corpo*. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo : Unesp, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *História de Lince*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história* Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 231p.

_____. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

ONFRAY, Michel. *A potência de existir*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história*. Campinas: Pontes, 1994

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Porto Alegre: L&PM, 2010.